

A PAZ, OBRA DA JUSTIÇA

POR ACÍLIO ESTANQUEIRO ROCHA

O anseio que o Homem contemporâneo experimenta por uma verdadeira Paz, é um fenómeno que se tornou universal. Paulo VI, na sua mensagem ao mundo para a celebração do V Dia Mundial da Paz (1 de Janeiro), sugeriu como lema para o ano de 1972: «a Paz, obra de Justiça»; ou, numa fórmula mais incisiva: «se queres a Paz, trabalha pela Justiça».

1. A celebração do «Dia Mundial da Paz» tem como fim mentalizar as inteligências e alertar as vontades dos homens para a edificação na sociedade duma Paz verdadeiramente Justa; como estes, porém, estão ainda muito arredios dessa tarefa primordial, e mais propensos a interesses egoístas do que à edificação da fraternidade cada vez mais universal, ao menos que a celebração desse dia proporcione uma reflexão mais aturada e exaustiva da autêntica significação da Paz, banindo concepções ambíguas.

Não interessa, efectivamente, qualquer paz; nem a paz dos cemitérios ou a da escravatura, nem a imposta pela prepotência ou a dos humilhados. A Paz implica a Justiça como substracto radical. «A paz não é ausência de guerra; nem se reduz a um mero equilíbrio de forças adversas, nem resulta de um domínio despótico, mas define-se com razão e propriedade, obra da Justiça» (Do II Concílio Vaticano).

2. Neste sentido, nunca se alcança uma situação de Paz Justa, que seja definitiva, total e perfeita.

A Paz não é de ordem estática. Unida essencialmente à vida, é sempre, como esta, dinamismo, potencialidade, abertura, diálogo inesgotáveis. «A Paz nunca se alcança de uma vez para sempre; constrói-se dia a dia, na busca de uma ordem querida por Deus, que implica uma Justiça mais perfeita entre os homens (Paulo VI, «Populorum Progressio», n.º 76).

(Continua na pág. 3)

IMPRESSÕES DE VIAGEM

DUAS SEMANAS EM LONDRES

Por Dr. D. João Pais de Almeida e Silva

III

A ARTE E OS MUSEUS

Todo o turista é informado, através das brochuras de propaganda das agências de Turismo, acerca dos museus e monumentos que constituem as maravilhas de Londres. A verdade é que, depois de passarmos algumas horas em frente das infindáveis colecções do Museu Britânico, onde os exemplares da arte antiga, desde os monumentais pilares da Assíria até ao milagre de conservação das múmias do Egipto, ali se apresentam numa profusão que nos deixa tontos; depois de percorrermos as Salas da Galeria Tate ou as da Galeria Nacional (uma das mais ricas galerias de pinturas da Europa); de-

pois de sentirmos a opulência da majestosa Catedral de S. Paulo ou a beleza da maravilhosa Abadia de Westminster; depois de vistos os Castelos de Windsor e Hampton Court; depois da emotiva evocação histórica que vivemos através das salas e das masmorras da Torre de Londres; numa palavra, depois de termos admirado as «dez maravilhas de Londres», fica ainda tanto para ver, que seria deficientíssima a nossa ideia da monu-esses «dez pontos principais». Quem não foi advertido por exemplo, do que é o Museu de South-Kensington (Museu de Victória e Alberto), deixaria de conhecer uma das mais célebres colecções de arte do Mundo. A história deste museu é, aliás, simples e elucidativa quanto à coragem com que o inglês se dá conta das suas deficiências e à decisão e rapidez com que tenta dar-lhes remédio.

Conta-a Ramalho Ortigão; e resumindo as suas palavras, a história é esta: — Na exposição universal, realizada em Londres no ano de 1851, verificaram os ingleses que as suas indústrias de carácter artístico estavam em nível vexatariamente inferior ao dos outros países expositores. Verificando o mal, passaram os críticos e as autoridades competentes a indagar das suas causas; e acabou por reconhecer-se que a vexatória inferioridade se devia «à deficiente educação pública nas artes do desenho». Interessaram-se pelo caso os poderes públicos; e a própria rainha, no seu discurso de abertura do parlamento, em 1853, se referiu ao assunto, propondo que às Câmaras fosse, com urgência, submetido um projecto de reforma do ensino científico e artístico das

(Continua na pág. 2)

NESTE NÚMERO

- A Paz, Obra de Justiça — por Acílio Estanqueiro Rocha.
- Pousaflores — Entrevista com Manuel Serra
- Impressões de Viagem — por Dr. D. João Pais
- Juventude Emigrante — Tragédias da Emigração — Uma carta que faz pensar...
- Ensínemos os Ignorantes — por TAISS
- Testemunho — Força de Vida — por M. M.
- As Fraudes da Ladeira do Pinheiro
- Treinos e Exortação à Gazetilha
- Notícias — Desportos, etc.

VOZ
das

CINCO VILAS

Redacção e Administração
CHÃO DE COUCÉ (Tel. 32191—Avelar)

ANO VI

N.º 60

JANEIRO DE 1972

— PERIÓDICO REGIONAL DE INFORMAÇÃO —

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR: ADRIANO SIMÕES SANTO. — REDACTORES: ACÍLIO E. ROCHA, CARLOS M. MENESES FALCÃO. — ADMINIST.: SERAFIM AFONSO, ARMÉNIO M. FERREIRA — Comp. e imp.: Gráfica de Coimbra

FREGUESIAS DAS CINCO VILAS

POUSAFLORES — seus anseios de progresso

Fala-nos o SR. MANUEL SERRA
—Presidente da Junta de Freguesia

É nosso propósito trazer às colunas deste jornal as realizações e aspirações das freguesias da região.

Entendemos que a comunidade viverá os seus problemas tanto mais quanto eles se tornarem conhecidos de todos.

Começamos por Pousaflores — freguesia extensa, com belezas naturais maravilhosas (quem já foi ao Anjo da Guarda?) de gente ordeira e trabalhadora, dotada de espírito de iniciativa e de um forte querer.

Para esta ligeira troca de impressões dirigimo-nos à Portela ao encontro do sr. Manuel Serra, homem dinâmico e muito conceituado, que há mais de 8 anos preside à Junta de Freguesia. Recebeu-nos um pouco surpreendido pelo nosso intento. Refeito, porém, do «susto», amavelmente se dispôs a responder às nossas perguntas. Sobre a constituição da actual Junta, disse:

— Além da minha pessoa também fazer parte Manuel Mendes, comerciante, residente no lugar do Pessegueiro, e Alberto Lucas Afonso, comerciante, de Pousaflores.

E outra pergunta surgiu: — Quais as obras realizadas sob o patrocínio da Junta a que preside?

— Permita-me que lhe chame melhoramentos! Terra-planagens do caminho que liga o Pessegueiro à Bairrada, Pousaflores-Pobral, Pousaflores-limite do concelho (Eira da Pedra), Quinta dos Ciprestes, melhoramento com ajuda do povo, dos caminhos



em Albarrol (até então intransitáveis) para o Casal d'Além (parte). Contamos agora, logo que haja disponibilidades, concluir, no lugar da Venda do Negro, também intransitável, Barreira-Martim Vaqueiro (com ajuda do povo). Ultimamente, graças ao dinamismo do sr. Presidente da Câmara, sr. Américo Gaspar, a beneficiação do pavimento na es-

(Continua na pág. 6)

Formatura

Concluiu recentemente e com muito brilho, no Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, o seu curso de Engenheiro de Máquinas, o nosso conterrâneo sr. Engenheiro Eduardo



Rego Medeiros, filho do sr. Francisco de Medeiros e da sr.ª D. Ilda Rego Medeiros, naturais ele de Chão de Couce e ela da Tojeira — Avelar e actualmente ausentes na Rodésia, onde trabalham já há bastantes anos.

Apenas com 25 anos e neste momento já a trabalhar na secção de motores supersónicos da TAP, este jovem foi sempre um exemplo a apontar, pela sua conduta irrepreensível e pela sua aplicação ao estudo, pelo que muito há a esperar das suas belas qualidades.

Iniciou os seus estudos em Avelar, no Colégio Infante de Sagres, tendo seguido para a Universidade de Coimbra e dali para a de Lisboa, onde concluiu o curso.

A seus queridos pais, e ao jovem engenheiro, endereçamos as melhores felicitações e os votos bem sinceros dum futuro pleno dos melhores êxitos.

O NOSSO ANIVERSÁRIO

Com este número perfaz o nosso jornal cinco anos de vida.

Cada aniversário é para nós motivo de não pequeno júbilo. Para nós e, certamente, para toda a nossa família de assinantes e leitores. Mais um ano, é mais uma avançada nesta caminhada que um dia empreendemos com um ideal bem concreto de colaborar na construção duma comunidade mais unida, mais solidária, mais consciente, mais cristã.

Cada número que sai pretendemos que seja uma luz a iluminar, um elo a unir, uma pedra na construção dum mundo melhor, por que todos ansiamos.

«Voz das Cinco Vilas» sendo um jornal com feição noticiosa é, também, não o esqueceremos, um jornal católico, com uma missão de doutrinar, com clareza e vigor, lutando sem transigências no campo dos princípios, respeitando os homens no que eles têm de mais sagrado — a sua personalidade e a sua liberdade.

Todos os problemas que tenham uma dimensão cristã e humana têm tido e continuarão a ter aqui o seu lugar. Formar a consciência na verdade — eis o caminho certo.

A imprensa tem, neste aspecto, uma missão importantíssima. A folha impressa chega a toda a parte, desde as aldeias mais recônditas às mais longínquas paragens das cinco partidas do Mundo e é elemento preponderante de mentalização.

Por isso, com renovado entusiasmo vamos continuar a nossa missão, levando, ao perto e ao longe, uma palavra amiga no esclarecimento do ideal e no amor à terra-mãe.

Sem pruridos de literatura, com simplicidade e muita amizade, «Voz das Cinco Vilas» continuará, mais que tudo, a ser a ansiada CARTA ABERTA a matar a saudade e a iluminar o espírito.

AVELAR

Conferência de S. Vicente de Paulo

Ao longo de todo o ano de 1971, desenvolveu regularmente a sua actividade a Conferência de S. Vicente de Paulo. Há verdadeira dedicação e espírito de caridade de muitos dos confrades. Tem-se procurado, dentro do possível, tomar conhecimento «in loco» das condições de vida dos nossos assistidos. Agora pelo Natal houve maior azáfama, quisemos fazer chegar junto de algumas famílias mais humildes um pouco mais de carinho e uma presença mais substancial. Foram à volta de três dezenas as famílias beneficiadas com roupas — cortes de fazenda, camisolas... muitas camisolas, meias, cobertores, mercearia e os respectivos «vales». Uma palavra de agradecimento aos armazéns e fábricas pelo seu contributo valioso e outra de aplauso às Senhoras que tão dedicadamente realizaram esta campanha de amor presente na pessoa dos que precisam.

Colégio Infante de Sagres

Também os alunos do Colégio Infante de Sagres quiseram marcar presença. Como vem sendo hábito, ao longo do período, nas aulas de labores e tempos livres, as alunas foram confeccionando inúmeras peças de enxoval para criança e com elas foram contempladas três mães que esperavam o seu bebé. Os alunos não quiseram alhear-se, e, por sua vez, cotizaram-se contribuindo com o dinheiro acumulado nos mealheiros das respectivas salas. Foi alma desta iniciativa a sr.^a D. Maria Helena Cavaca, Professora de Labores, coadjuvada por outras Senhoras Professoras. No dia de encerramento das aulas do período, houve um lancha de confraternização participado por Professores e alunos, animado pela boa disposição e graça pessoal do nosso Director, Dr. Jorge Condorcet. Para terminar, os mais irrequeitos puderam fazer o gosto ao pé.

Novos Cristãos

Receberam o Baptismo na nossa igreja.

— Luís Miguel Mendes Saraiya, filho de Armando Rosa Saraiya e de Otilia Mendes Dias de Carvalho, da Rua da Vila; foram padrinhos Júlio Rosa Medeiros e Suzete de Jesus Filipe Medeiros;

— Álvaro Alberto Negrão de Sousa, filho de António Alberto Pereira de Sousa e de Maria Isabel Godinho Negrão de Sousa, residentes na Amadora; foram padrinhos Aureliano António Alves Soares Carneiro e Maria Manuela Marques da Costa, residentes em Lisboa;

— Elisabet Maria Faria dos Santos, filha de Luís Alves dos Santos e de Natércia Rego Faria, da Rascoia; foram padrinhos os nossos amigos sr. capitão José Rodrigues de Almeida e Sá Araújo e D. Elisabeth da Conceição Coelho Lacerda Faria e Sá Araújo, residentes em Coimbra;

— Cristina Maria da Assunção Baptista, filha de Joaquim da

Silva Baptista, técnico da Recauchutagem Labor, e de Lídia Rita da Assunção, da Tojeira; foram padrinhos António José da Assunção Nunes e Maria Filomena da Assunção Baptista, irmã da neófita;

— Luís Manuel Mendes Vaz, filho de António de Jesus Vaz e de Maria Albertina da Silva Mendes, do Santo Velho; foram padrinhos José Ribeiro Vaz e Maria Elvira da Silva Nunes;

— Joaquim António da Rocha Rosa, filho de Fernando dos Santos Rosa e de Zamira da Conceição da Rocha Rosa, da Rua da Rapoula; foram padrinhos Álvaro dos Santos Mendes e Maria Esmeralda Nunes Silveiro;

— Patrícia Carla Vieira Ribeiro, filha de Fernando Jorge Esteves Ribeiro e de Maria Teresa Carrilho Vieira Ribeiro, de S. Martinho do Bispo; foram padrinhos Arnaldo Augusto Freitas Malho Rodrigues e Maria da Conceição Ribeiro;

— Luís Paulo Falcão Moreira de Sousa e Silva, filho de José Luís da Silva e de Maria José Falcão Moreira de Sousa da Silva, residentes em Évora; foram padrinhos Nuno Falcão Moreira e Sousa e Maria Fernanda Tavares Pereira Moreira de Sousa, residentes em Lisboa;

— Luís Miguel Portela da Luz Henriques, filho de José Eduardo da Luz Henriques e de Margarida da Silva Portela Henriques, da Rua da Vila; foram padrinhos Lúcio dos Santos Con-

ceição e Maria Helena da Luz Henriques;

— Ana Rosa Antunes de Oliveira, filha de José Constantino de Oliveira Meixedo e de Vitalina Mendes Antunes, do Castelo; foram padrinhos Ilídio Ladeira Godinho e Maria Alice Antunes Godinho;

— José António Bernardino Simões, filho de Saúl da Conceição Simões e de Maria da Conceição Esteves Bernardino Simões, da Rua da Vila; foram padrinhos Alberto da Conceição Simões e Maria Almerinda da Conceição Simões;

— Paula Alexandra Ferreira Rodrigues, filha de Fernando Rodrigues e de Carminda Ferreira, do Castelo; foram padrinhos Acácio Ferreira da Silva e Emília Rodrigues Correia.

A todos desejamos as maiores felicidades.

Casamento

Junto do altar de Nossa Senhora da Guia realizaram o seu casamento Fernando Medeiros Godinho, residente em Nacala (Moçambique), representado por José Augusto de Carvalho, de Lisboa, e Maria Isaura Augusta Fernandes, da Rascoia; foram padrinhos Emídio Gonçalves e Alfredo Rodrigues Curado.

Ao simpático casal os nossos parabéns e desejo de vida feliz.

Falecimentos

Na residência de seus pais, na Rua Nova, faleceu o menino Pedro Abreu Ribeiro, de 3 anos, filho de Manuel Carrilho Ribeiro e de Maria Graziela Carrilho de Abreu Ribeiro. O nosso pesar.

POUSAFLORES

O Natal traz prendas

Eis-nos com um problema da nossa freguesia resolvido — o Salão Paroquial. Levou tempo, custou dinheiro. Mas acabou-se. Até há pouco faltavam 10 contos para se acabar com as dívidas. O Menino Jesus também não se esqueceu de nós, e então surgiu um grande amigo e benfeitor, cujo nome ficará oculto aos olhos dos homens, e que nos mandou precisamente quanto nos faltava pagar. Bem haja, àquele que, apesar de longe, não esquece a sua terra!

— Também, mais uma vez o sr. Comendador nos vem mostrar o grande amor que dedica à sua terra natal. A nossa freguesia já muito lhe deve. Hoje é-lhe novamente grato, pelos dois candeeiros (lustres) que mandou colocar na capela-mor da nossa igreja. É um grande benefício para nós, pois vem tornar a parte fulcral da nossa igreja mais bela, mais airosa, mais requintada pela nova iluminação.

Festa do Seminário

26-12-71 — É com imensa alegria que vimos, apesar dos tempos que correm, que na nossa freguesia ainda há quem sinta os problemas dos que são pobres. O Seminário é um pobre que pede a nossa ajuda. Nós demos-lhe. E de que maneira! Mercê

da boa vontade dos nossos jovens, vimos que tudo correu da melhor maneira e no fim de tudo as esmolas chegam a 5 contos. É a esmola dos pobres para um pobre mais necessitado — o Seminário.

Novos membros da Igreja

Maria Marta de Jesus Lopes Fererira, filha de António Lopes Ferreira e de Encarnação de Jesus, do lugar da Bairrada. Padrinhos: o avô materno e Alzira de Jesus.

— Jorge Manuel Rodrigues Gomes Monteiro, filho de Vivaldo Gomes Monteiro e de Almerinda Gaspar Rodrigues Monteiro, do lugar da Charneca do Pessegueiro. Padrinhos: o avô paterno e sua esposa.

— Maria Helena da Silva Costa, filha de Júlio Costa e Maria Lucinda da Silva, de Albarrol. Padrinhos: o avô materno e sua esposa.

— João Luís Afonso Veríssimo, filho de João Jesus Veríssimo e de Maria José Teixeira Afonso Veríssimo, do lugar do Pereiro de Cima. Padrinhos: Luís Alberto de Jesus Coimbra e Maria Fernanda de Jesus Coimbra.

Uma prece por sua alma

Maria da Conceição, viúva, de 88 anos, do lugar de Lisboinha. Roguemos a Deus por sua alma.

AGUDA

NOVOS CRISTÃOS

Foram salenemente baptizados na igreja paroquial:

Rigério Paulo, filho de José Luís Quaresma e Alzinda Simões Brás. Foram padrinhos José Rogério da Conceição Henriques e Maria Atilde Ribeiro Branco.

— Paulo Jorge, filho de Octávio Jorge Alves e Delmira Rosa da Conceição, residentes na Ponte de São Simão. Acácio Ferreira da Silva e Aida Jorge Alves foram os padrinhos.

— Teresa Maria, da Saonda, filha de Armando da Conceição Estanqueiro e Fernanda Natália Figueiredo. Foi padrinho Augusto Lopes Fidalgo, de Almofala de Baixo e madrinha Beatriz Ivone da Conceição Pereira, de Figueiró dos Vinhos.

— José Manuel, filho de Joaquim Ferreira e de Ermesinda de Freitas Rosa, residentes no Bairro. Américo Augusto Lopes e Emília da Silva Proença foram os padrinhos.

— Gina Maria, filha de Silvino Martins Soares e de Benilde Mata dos Santeos, da Ponte de São Simão. Estiveram presentes como padrinhos João Mata dos Santos e Maria Emília de Jesus Guerra.

— Acácio, da Lomba da Casa. São seus pais Álvaro dos Santos Simões e Beatriz da Conceição Silva. Foram padrinhos Fernando Godinho Estêvão e Etelvina da Conceição Domingos.

— Abílio José, filho de Augusto Lopes dos Santos e de Maria Augusta da Conceição, residentes na Quinta da Fonte. Manuel Rodrigues e Palmira da Piedade Silva, da Ribeira de Alge, foram os padrinhos.

Que todos na vida sejam bons cristãos e que pais e padrinhos não esqueçam a sua missão de educadores.

NOVOS LARES

Celebraram o seu casamento na igreja da Aguda:

João Rodrigues, de Beselga-Penedono, com Edite Antunes Jorge, filha de Alberto Maria Jorge e Henriqueta Antunes, residente nos Moninhos Cimeiros.

— Valentim Jesus Lopes, de Várzeas-Vila Facaia e Laura da Conceição Luís, do Vale da Pousada. A noiva é filha de Joaquim Luís e Felizbela da Conceição. Testemunharam o acto Valentim Lourenço Lopes, de Vila Facaia e Manuel Luís, da Coelheira.

— Aires de Carvalho Rosinha e Deolinda Faria dos Santos, residentes no Bairro. Foram padrinhos Eduardo da Silva Santos e António Simões Luís.

Para todos, os nossos desejos de felicidades.

NAS MÃOS DE DEUS

No dia 6 de Dezembro faleceu a sr.^a Palmira de Jesus Rocha, na Ponte de Braz Curado.

A família os nossos sentidos pésames.

EMIGRANTES

Em gozo de férias encontram-se espalhados pela nossa paróquia, junto de seus familiares, inúmeros emigrantes, principalmente da França e Alemanha.

Integrado no Dia Nacional do Emigrante, promoveu o nosso Pároco um encontro com todos eles e suas famílias.

CATEQUESE

Além da Catequese ministrada na vila encontram-se espalhados pela paróquia outros centros, para que a nenhuma criança falte a educação cristã. Em Almofala de Baixo, Abrunheira, Moninhos e Chimpeles se situam esses centros de Catequese.

— No 26 de Dezembro, na Aguda, teve lugar uma reunião com todos os pais das crianças que ali frequentam a Catequese. Foram tratados assuntos de grande interesse para a educação cristã dos mais novos.

— Todos os quinze dias os Catequistas têm reuniões de formação.

IRMANDADE NA NOSSA SENHORA DA GRAÇA

Promovido pela Direcção realizou-se um encontro dos membros desta Irmandade. Após a Missa Dominical, celebrada pelas intenções dos irmãos vivos e almas dos defuntos, teve lugar uma reunião com todos os irmãos presentes. Ali foram tratados assuntos de interesse para aquela Associação. O encontro terminou com um magusto.

BOMBEIROS

Os Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos deslocaram-se à nossa freguesia a fim de ser constituída uma Comissão para angariação de fundos em ordem a compra de uma ambulância.

Iniciativa de alguns figueiroenses radicados no Ultramar, bem merece que lhe respondamos **Presente**.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Encontra-se entre nós, o nosso amigo sr. Padre Jaime Marques. Auguramos-lhe um óptimo repouso na sua casa de Almofala.

Armazéns do Pontão

DE

RICARDO, FERREIRA, SANTOS, MARQUES & C.^ª, L.^{da}

MERCEARIAS, VINHOS, SERRAÇÃO DE MADEIRAS

PONTÃO — AVELAR — Telef. 21 (AVELAR)

Serafim Afonso

CONSTRUTOR CIVIL

CONSTRUÇÃO CIVIL E CARPINTARIA MECÂNICA

CHÃO DE COUCE

A PAZ, OBRA DA JUSTIÇA

(Continuado da 1.ª pág.)

Cresce hoje em dia uma consciencialização dos homens pela Justiça. Qualquer homem, pela difusão da cultura, isto é, pela ascensão sócio-cultural, sente-se como Pessoa Humana, ou seja, como **ser inviolável**, com iguais direitos e deveres aos outros homens; esta consciencialização não se verifica somente nos indivíduos, mas abre-se também a nível de grupos. Assim, a verdadeira Paz radica na Justiça e é sempre susceptível de maior perfeição.

3. Confunde-se, por vezes, Justiça e Caridade, separando-as, quando elas se exigem mutuamente.

— **Não há Caridade sem Justiça**, porque a primeira exigência da caridade é a realização da Justiça. Uma Paz humana e justa não admite «supostas obras de caridade» como subterfúgios ao cumprimento das obrigações da Justiça; admitidas somente enquanto atenuantes das nefastas consequências das injustiças sociais. No entanto, estas obras de caridade devem existir apenas provisoriamente. O que ontem era dever de caridade, pode ser hoje imperativo de justiça. A caridade deve, pois, transcender-se em Justiça, facultando o seu próprio desaparecimento. A promoção da Justiça deve ser o escopo mediato e final da Caridade.

— **Não há também Justiça sem Caridade.** «Há uma só maneira de ser justo: é ser caridoso» (G. Thibon). Isolada da caridade, a Justiça apenas poderá implantar uma sociedade rigidamente legislada e codificada, na qual a Pessoa Humana tornar-se-á mais objecto que **sujeito** da vida social; esta ver-se-á delimitada pelo «meu» e «teu», e a **comunicabilidade** inter-pessoal e inter-comunitária tomará um cariz legalista. Uma Justiça sem Caridade cava fronteiras através do complexo «direitos-deveres».

Só a Caridade é fonte de intimidade e interioridade e por consequência princípio de solidariedade das Pessoas e Grupos. A Caridade impregna amor fraterno.

4. Uma Paz na Justiça fundamenta-se e é exigida pela Pessoa Humana. Esta é o cume de toda a actividade humana;

enquanto espiritual livre e responsável a Pessoa constitui uma espécie de absoluto, que exige um respeito incondicionado» (R. Tolivet). Nunca, por isso, a Pessoa Humana poderá ser utilizada como instrumento ou meio para a consecução dum fim, isto é, nunca poderá ser reduzida ao plano de «coisa».

Um ser humano que **se serve** de outro para conseguir os seus objectivos viola a Paz e a Justiça, rebelando a ordem natural. Cada qual tem o direito a um respeito incondicional e o dever de ser tratado como Pessoa; o direito que uma pessoa tem a um respeito total implica que ela respeite também incondicionalmente os outros, observando os ditames da Justiça. A Pessoa Humana é, assim, **abertura** ao outro, **diálogo** com o outro; não lhe é possível refugiar-se adentro dum individualismo.

O Homem não é **solitário** mas **solidário**. Na verdade, o Homem foi criado à imagem e semelhança de Deus; a Teologia Trinitária ensina que as Pessoas Divinas, Pai, Filho e Espírito Santo existem numa relação substancial recíproca. As pessoas humanas participam, numa ordem essencialmente diversa, dessa **abertura** das Pessoas Divinas. A comunidade humana deverá configurar-se cada vez mais, segundo a Comunidade Divina que é Unidade Divina.

Pessoa entre as pessoas, o Homem vive inserto numa comunidade na qual não é um simples membro anónimo, um mero indivíduo na «massa», uma parte no todo, mas um **eu** integrado num **Nós**. Não é a Pessoa Humana que subsiste pela Humanidade, mas a Humanidade que subsiste pela Pessoa Humana.

Esta comunidade, onde se integram as pessoas, implica a implatação dum Paz vinculada pela Justiça que se ultrapasse em Amor, sumariada por Paulo VI, nestes termos: «Ser libertos da miséria, encontrar com mais segurança a subsistência, a saúde, um emprego estável, ter maior participação nas responsabilidades, excluindo qualquer opressão e situações que ofendam a sua dignidade de homens; ter mais instrução; numa palavra, realizar, conhecer e possuir mais para ser **mais**». (Populorum Progressio, n.º 6).

Impressões de viagem

(Continuado da pág. 1)

classes industriais. Desta reforma resultou uma profunda e eficaz reorganização do ensino artístico, tendo como base fundamental a criação de escolas de desenho e o incitamento à educação artística do povo, especialmente dos jovens, através de museus públicos onde, gratuitamente, todos pudessem formar e desenvolver o seu sentido estético.

A esta reforma, pois, se ficou devendo a criação do Museu de Victória e Alberto, logo inaugurado em 1853. Trata-se de um grandioso edifício, tão recheado de obras de arte que dele se diz que «se um cataclismo destruísse todos os museus do continente europeu, só pelas colecções expostas no Museu de Victória e Alberto se poderia reconstituir toda a história da arte antiga e moderna.» Magnífica galeria de pintura; vastas colecções de mobiliário, tapetes, bronzes, esmaltes, obras em ferro forjado, vitrais, olaria (etrusca, grega, persa e hispano-mourisca),

Rumo ao Lar

No dia 26 de Dezembro pelas 13 horas, na Igreja paroquial do Espinhal o casamento do sr. Armando dos Santos Simões Fernandes, regente agrícola, natural de Avelar e filho do sr. Emídio S. Fernandes e da sr.ª D. Lucília Simões, com a distinta professora oficial sr.ª D. Maria Manuela Dias Alves, natural de Espinhal e filha do sr. António Alves e da sr.ª D. Palmira Dias Alves.

Foram padrinhos do noivo o sr. Armando Marques Cerejeira, comerciante em Avelar e esposa sr.ª D. Maria de Lourdes Rosa Marques e da noiva o sr. Rogério Dias Pereira e a sr.ª D. Georgina Castelão Pereira.

Foi oficiante o reverendo Padre de Espinhal. Finda a cerimónia foi oferecido um banquete aos numerosos



convitados nos salões da Casa do Povo.

Ao simpático casal auguramos as maiores venturas e bênçãos de Deus.

Realizou-se na Basílica de Fátima, no dia 11 de Dezembro de 1971, o casamento da Ex.ma sr.ª D. Maria Marques das Neves Cordeiro, natural de Pousaflores, funcionária da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, com o Ex.mo sr. José António de Santa Cruz Cordeiro, técnico verificador de 1.ª classe.

As nossas felicitações.

louças de Sevres, Palliny e Saxe-porcelanas do Japão e da China, esculturas indianas, chailes, brocados, um mundo, afinal, de preciosos exemplares, e até uma colecção de que fazem parte o órgão de Lutero e o cravo de Haendel. Seriam precisas muitas páginas para enumerarmos as maravilhas de arte expostas neste prodigioso museu; e não há palavras que possam exprimir o nosso espanto quando numa sala enorme fomos encontrar, reproduzidas com incrível fidelidade e no seu verdadeiro tamanho, as obras mais notáveis da escultura e da arquitectura da Europa. Esculturas de Miguel Anjo, e de Donatello; a célebre porta do Batistério de Florença, de Ghiberti; púlpitos e portarias de igrejas e catedrais, e entre estas o fabuloso Pórtico da Glória, de S. Tiago de Compostela; a colossal coluna de Trajano, da Roma Antiga; e tantas outras maravilhosas obras, cuja reprodução fidelíssima nos deixa atónitos.

Todos os museus e galerias de pintura têm as suas portas gratuitamente abertas, para regalo e educação artística de quem os visita. Impressionou-me, aliás, a grande percentagem de jovens, muitos na idade escolar, que encontrei em todos os museus, atentos aos comentários elucidativos da pessoa adulta que os acompanhava. É assim, na verdade, que se desperta e estimula o amor da arte.

Vai sendo tempo de terminar estas despreocupadas impressões de Londres; e, no entanto, quase tudo ficou por dizer. Não termi-

narei, porém, antes de publicamente confessar um sincero «mea culpa», tão errado andei durante o longo tempo em que, mercê de influências estranhas e da preguiçosa facilidade com que aceitamos os «slogans» que nos impingem, guardei no meu espírito a mais antipática e a mais injusta imagem deste admirável povo.

Último dia de Londres. Passeio, sem destino, por ruas e parques que não tornarei a ver; e já principio a sentir saudades desta acolhedora terra.

Saudades do agradável contacto com gente verdadeiramente civilizada; saudades dos castelos e museus por onde andaram extasiados os meus olhos; saudades da Idalina e do José Manuel, queridos companheiros das minhas excursões londrinas; finalmente, profundas saudades da Ana Cristina que, com os seus dois anos e a sua graça, foi a maior alegria dos meus dias em Londres. Digo-lhes um comovido adeus até um dia; quem sabe?

Vamos subir de novo. Dentro de momentos voaremos a nove mil metros de altura e à velocidade horária de novecentos quilómetros. Duas horas depois avistam-se as luzes de Lisboa. Desço, finalmente, recordando a Inglaterra com saudade e acalentando no espírito uma remota esperança de lá voltar.

P. S. — Ao bom amigo Eduardo Roelia, inseparável companheiro nos caminhos de Londres, dedico estas ligeiras impressões da nossa viagem.

J. P.

VOLTEMO-NOS PARA A JUVENTUDE

«Se quisermos ser honestos, devemos evitar o radicalismo nas definições e apreciações da nossa juventude. Ela possui a sua identidade própria, o seu modo de ser e de agir a que não se pode renunciar sem cometer o pecado de traição ao tempo e ao lugar em que vive»—declarou o Bispo Auxiliar de Luanda, D. António Muaca, no decurso de uma reunião do Rotary Club.

D. André Muaca lembrou que os problemas humanos não se equacionam com algarismos, mas com palavras:

«São os homens em diálogo que discutem, aprovam e reprovam as soluções propostas, segundo a clareza ou obscuridade dos conceitos que se revelaram através dos termos».

«O jovem é um homem. A juventude é uma classe que tem cada vez mais consciência da sua dignidade e valor. Há determinados sectores da sociedade que murchariam se lhes faltasse o sangue juvenil».

O prelado lembrou depois as palavras de Paulo VI, ao afirmar que «é em nós principalmente, e não nos jovens, que devemos procurar as causas profundas da contestação juvenil. Antes de criticar os jovens cada adulto deve fazer uma autocritica».

«Temperamentos receptivos e voltados para a natureza e para o homem, a maioria dos jovens de hoje, quer guedelhudos como os monges do deserto, quer barbudos como os profetas, a intuição dos artistas, o dinamismo dos Apóstolos, a coragem dos mártires, a renúncia dos ascetas, a abertura para a verdade como as flores dos jardins.

Acerca da contestação juvenil, D. André Muaca afirmou: «O respeito pelas pessoas e bens é uma obrigação grave, quaisquer que sejam as razões da nossa revolta contra a sociedade».

«É lamentável que alguns jovens «com o amadurecimento da consciência da própria personalidade, estimulados pelo ardor da vida e pela actividade transbordante, e cientes cada vez mais da sua importância social e até política, se julguem com o monopólio de ver claro todos os problemas e queiram transformar-se em classe privilegiada num mundo em que ninguém se pode bastar».

«Os horizontes do último quartel do ano mil estão carregados de núvens baixas e ameaçadoras. Neste cenário dramático em que as estrelas mal conseguem brilhar, porque mãos hostis tentam, criminosamente, apagá-las, volte-mo-nos para a juventude e gritemos com o apóstolo dos leprosos, Raoul Filereau; jovens, sede a nossa esperança, porque sois a aurora do ano dois mil».



Franco Cabeleireiro

ARTE E BOM GOSTO
ao Serviço da Beleza Feminina

Filial: Vila do Espinhal, Abertos às 2.ª-feiras
Telef. 32101 (Avelar)

Francisco José da Silva

MERCEARIAS -:- FERRAGENS -:- MÓVEIS -:- BP GAS

TINTAS «DYRUP» — «LUZALITE» — AGENTE BANCARIO

Telefone 21

ANSIAO



JUVENTUDE EMIGRANTE

E MIGRAR de qualquer modo, com a exclusiva finalidade de ganhar dinheiro não importa como, é um desastre. A emigração só se legitima se for para cada homem, um instrumento de progresso. E o progresso não consiste fundamentalmente, como sabemos, em **ter mais**, mas em **ser mais**. Por isso não podemos abandonar a emigração ao mero jogo das necessidades económicas. Somos, pelo contrário, obrigados a fazer todos os esforços para que ela não deixe nunca de ser um fenómeno verdadeiramente humano, quer dizer, ao serviço dos homens. É nisto que está a nossa responsabilidade colectiva: todos, irrecusavelmente, somos responsáveis pela sorte destes irmãos mais novos que se resolvem a emigrar.

D. António dos Reis Rodrigues, Bispo dos Emigrantes

VENDO partir as levas dos nossos jovens podemos interrogar-nos sobre o modo como vai reagir e desenvolver-se a fé deles perante as mudanças de costumes a que inevitavelmente assistirão e a que serão arrastados.

Isolados, em terra estranha, sem o apoio da comunidade mais ou menos cristã em que viveram até há pouco, sujeitos a ritmo de vida e a horários esgotantes de trabalho... qual a sua nova forma de rezar, de reagir perante as novas circunstâncias de vida?

O caso das raparigas emigradas assume algumas facetas próprias. Grande parte delas vivem como empregadas domésticas, em trabalho extenuante que pouco tempo lhes deixa livre, pelo que se sentem particularmente sós e isoladas, sem contacto com as da sua terra nem com as locais.

Incompreendidas pelos pais, cuja mentalidade se não adaptou e com a qual muitas se chocam, julgando-se sem liberdade, facilmente se revoltam, caindo no isolamento que leva ao pessimismo, a decisões irreflectidas e, muitas vezes, a casamentos que só as tornam infelizes.

Se a fé se reduz a hábitos e a ritos, estará particularmente em perigo, face a tão radical mudança na maneira de viver. Mas se ela for consciente adesão a Jesus Cristo na submissão ao Seu Evangelho e na inserção viva na Igreja, será fácil ajudá-los a ver as coisas a nova luz, ajudá-los a encontrar Cristo na sua nova vida, a ter comportamento cristão nas condições actuais da sua existência.

Uma carta que faz pensar...

Um pároco desta região recebeu a carta que a seguir publicamos. Ela constitui um testemunho eloquente sobre os perigos que correm os jovens e as jovens, que, sem preparação nem amparo, se lançam na aventura da emigração. Uma carta que deve fazer pensar... os pais e a gente nova!

Rev. Senhor:

Há tempos o filho de F., dessa freguesia, escreveu de França, solicitando-lhe uns documentos necessários para o seu casamento. A noiva era a minha filha F., que também se encontra em França.

Aguardava a todo o momento uma carta deles informando que já tinham casado e que tudo tinha corrido bem, como é desejo de um pai.

Porém, para minha mágoa, a carta que recebi da minha filha é bem diferente da que eu esperava.

Diz ela na dita carta, que o F. poucos dias antes do casamento lhe disse que se tinha de ausentar por uns dias para ir trabalhar para outro lado, mas que depois a informava onde estava.

Confiante e porque o ama, ela aguardou uns dias, até que ele lhe escreveu sim, mas informando-a que já se encontrava em Portugal e que não esperasse mais por ele, pois tudo tinha acabado.

O estado da minha filha é

bastante penoso, pois, sei-o agora, está grávida.

Na minha dor de pai, já tudo me passou pela cabeça, desde o procurar esse rapaz e acabar com ele, ou fechar por completo as portas da minha casa à filha que manchou o nome da família.

Pensando melhor, suponho que não devo fazer nenhuma destas coisas, sendo obrigado a perdoar-lhe.

Resta-me a esperança de que esse rapaz, pensando naquilo que fez, tenha consciência e cumpra o dever que tem a cumprir casando com a minha filha.

Não tenho a honra de conhecer pessoalmente V. Rev.ª, porém, ao mesmo tempo que lhe peço desculpa por estar a maçar-lo, peço-lhe também em nome de Deus, que se alguma coisa estiver no alcance da V. Rev.ª para que ainda se possa salvar este acto, o faça, para que a criança que Deus mandará para o mundo possa saber quem é o pai.

Segundo diz a minha filha, ainda lhe custa acreditar que ele a tenha abandonado depois de dar provas de gostar tanto dela, supondo que o demónio se apossou dele, fazendo-o desviar do caminho certo.

Eu não conheço o rapaz mas, segundo informações, é filho de boas famílias, o que me leva a ter ainda fé que tudo se pode ainda remediar com a ajuda de Deus, da fa-

TRAGÉDIA DA EMIGRAÇÃO

duas raparigas emigradas em França, foram raptadas e durante dois meses, sujeitas aos piores vexames

Vamos extrair do jornal «O Emigrante» o relato de tão repugnante crime:

No dia 14 de Agosto desapareceram de casa de seus pais, Maria Ivone de Almeida de 18 anos, natural de S. Paio de Gouveia e Júlia de Sousa Antunes, de 14 anos, natural de Santa Eufémia de Prazins, Guimarães.

As duas amigas, residentes com suas famílias em Issoire, não muito longe de Clermont-Ferrand, tinham ido passear para a vila na tarde desse fatídico e trágico dia.

Abordadas por um sujeito desconhecido que as convidou para beber, as jovens recusaram. Ele, porém, perseguiu-as instando com elas, que, acabando por ceder, caíram na desgraça.

Drogadas e sob a acção dos estupefacientes, foram conduzidas para local ainda não identificado. Após dois meses de buscas infrutíferas foram recuperadas no comissariado da polícia

de menores, em Paris, no dia 18 de Outubro passado.

Pouco sabem dizer da tragédia de que foram vítimas. Sob a influência da droga perderam a noção do tempo, sem jamais saberem onde se encontravam. «Sómente — dizem elas — passámos por tudo e sofremos os maiores horrores. É indescritível. Vivemos num estado anormal em que não tínhamos consciência de nada».

Fortemente impressionadas ainda pelos momentos de angústia que viveram, Maria Ivone e sua companheira de infortúnio pedem para alertar as suas conterrâneas. «Digam às outras raparigas portuguesas que sejam prudentes e não aceitem bebida, comida ou mesmo cigarros de quem não mereça absoluta confiança. Caso contrário, são drogadas e arrastadas à mesma desgraça que nós experimentamos e com as quais ficámos horrorizadas».

«Hoje não — continua Maria Ivone — mas mais tarde espero escrever para elas algumas passagens desta ignóbil vida a que os sujeitaram».

Procurarão as autoridades francesas fazer a devida justiça a este caso tão execrando? Duvidamos.

«Nunca supunha vivermos numa sociedade tão degradante», exclama, consternada, a mãe da Ivone.

Como a sr.ª Maria da Glória, quantas mães vivem ingenuamente desconfiadas e confiantes!

Que este doloroso caso sirva de alerta. Num mundo apodrecido como o dos nossos dias há sempre o pior a temer.

«Nunca supunha vivermos numa sociedade tão degradante», exclama, consternada, a mãe da Ivone.

Como a sr.ª Maria da Glória, quantas mães vivem ingenuamente desconfiadas e confiantes!

Que este doloroso caso sirva de alerta. Num mundo apodrecido como o dos nossos dias há sempre o pior a temer.

«Nunca supunha vivermos numa sociedade tão degradante», exclama, consternada, a mãe da Ivone.

Como a sr.ª Maria da Glória, quantas mães vivem ingenuamente desconfiadas e confiantes!

Que este doloroso caso sirva de alerta. Num mundo apodrecido como o dos nossos dias há sempre o pior a temer.

VOZ
das
CINCO VILAS
ORÇÃO INTERPAROQUIAL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Administração

CHÃO DE COUCE

Telefone 32191 (rede de Avelar)

Condições de Assinatura Anual:

Continente 20\$00

Ultramár Português e Estran-

geiro 30\$00

Por avião 60\$00

(Pagamento Adiantado)

Pagamento de assinaturas

ASSINANTES BENFEITORES

Com 200\$00 — Norberto Marques — Santos.

Com 150\$00 — Fernando Simões Vaz — Rodésia.

Com 125\$00 — Alberto da Silva — Monte Belo — Lobito.

Com 100\$00 — Américo Baptista — Canadá; Adriano Simões Santo

— Santos; Américo Lopes Ferreira — Santos; João Faustino — Beira;

José Henriques Marques da Silva — Malhangalene; Fernando Mendes Rosa — Porto.

Com 70\$00 — Maria Augusta Marques — Lourenço Marques;

Adriano José Veríssimo — Lourenço Marques.

OUTROS ASSINANTES

Arlino Fernandes — África do Sul; António Antunes — Argentina;

Emídio José Veríssimo — França; Acácio Serra Veríssimo — África do Sul; Virgílio Mendes — Cabinda;

Américo Gaspar — Pontão; Alfredo Godinho da Silva — França;

Dr. João Quintela — Lisboa; D. Adelina de Carvalho — Serra do Mouro;

Manuel dos Santos — Parede; Aristides Pedro Simões — Rodésia;

Arlindo Simões — Rodésia; António Mendes — Cavadas;

João dos Santos — S. Paulo (2 anos); Alberto Rosa Rodrigues — Adegas;

Henrique dos Santos — França; Manuel da Silva — Venezuela;

Maria de S. José — Alqueidão; Jacinto Duarte — Alemanha;

Edmur Pereira Alonso — Santos; José Maria Marques da Silva — Ameixeira;

Arménio Gaspar Padeiro — Santos; Ulisses Simões Estanqueiro — Tomar;

António Caetano de Lima — Leiria; Alberto Gaspar Jorge — Lisboa;

Augusto da Silva Pereira Alexandre — Gabela; Artur da Silva Matias — Lisboa;

João Ventura — Pereiro de Baixo; Abílio Gonçalves — Furdouro;

Augusto da Conceição Gonçalves — S. P. M.; António Rodrigues — Quinta dos Ciprestes;

Carlos da Silva Ventura — Brasil; José Marques da Silva — Casal Soeiro;

D. Maria do Céu Marques Novais — L. Marques; Maria Helena Ventura Martins — Beira;

José Alberto Ferreira Neno — Negage; Adriano Ventura — C. Couce;

António Henriques — Baceinhos; José Simões Ribeiro — Mós;

Abílio Simões — Lagoa; José Rosa de Sousa — Chão de Couce;

Manuel Freire — Alqueidão; David Lima da Silva — Quelimane;

José Fernandes — Q. Baixo; Acácio dos Reis — Luanda;

Manuel Gaspar — Lourenço Marques; Maria Augusta da Conceição — Queluz;

Maria Helena da Conceição — Coimbra; Cândida Maria Hermenegildo — Olivais;

Marçal Caetano — Barroca.

ATENÇÃO, ASSINANTES

Informamos que a partir de Fevereiro seremos forçados a suspender o nosso jornal aos assinantes que há mais de um ano não pagam a assinatura.

Pedimos aos assinantes que mudem de endereço a fineza de no-lo comunicarem.

As fraudes da Ladeira do Pinheiro

— TORRES NOVAS

AFIRMEI anteriormente que as fraudes da Ladeira do Pinheiro são sobejamente conhecidas.

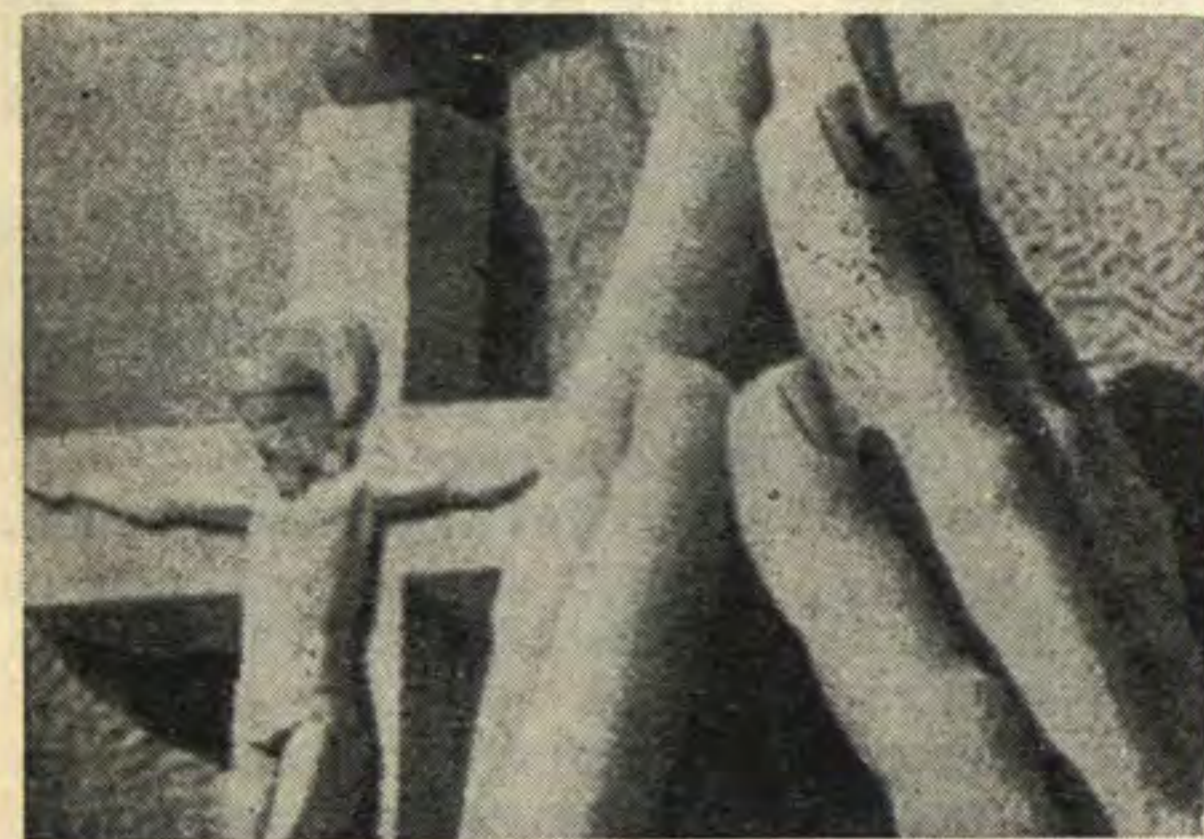
Além das falsas freiras, eis mais algumas fraudes, graças a um fotógrafo de Torres Novas que, aparentando sincera crença nos milagres, conseguiu total confiança da **mística** e seus colaboradores, vindo a desvendar todos os truques, de que faz agora a maior propaganda, com desesperada danação daqueles, que o fulminam com todas as maldições e excomunhões. Também alguns vizinhos do santuário da Ladeira conhecem e vão revelando coisas muito interessantes.

A comunhão dada pelo Arcanjo — Há mais de um ano que a **santa mística** deixou de ser mimoseada com a comunhão diariamente trazido pelo Arcanjo São Miguel. Sabem porquê?

Ela declarou que era por haver muitos pecadores incrédulos. Parece, assim, que a missão da Ladeira não tem rendido grande coisa, antes pelo contrário. Mau sinal.

Querem ver o que, em verdade sucedeu?

Certo dia, o dito fotógrafo, de caso pensado, deitou-se no chão, para fotografar o grupo cantor, de que fazia parte a **mística**. Nessa



O nosso Povo Cristiano em vez de abraçar a Cruz, como Cristo, renega-a e vai atrás de crendices e pessoas de má fé.

posição, conseguiu ver perfeitamente, no céu da boca da **mística**, a hóstia branca que, daí a pouco, ela mostraria como recebida da mão do Arcanjo, como era hábito.

Embora, por então, ele nada dissesse, ela percebeu ter sido apanhada. Daí, a suspensão da comunhão naquelas condições que ficaram registadas acima.

É oportuno notar como o **Jesus da mística** se deixou burlar pelo fotógrafo ou a burlou a ela, uma vez que permitiu que ele andasse, largo tempo a fingir de crente, motivando a actual situação tão desastrosa. Pobre **Jesus da Ladeira do Pinheiro!**

O crucifixo a sangrar — Fez-se muito barulho em volta de um crucifixo, que apareceu ensanguentado. Era mais um milagre. Cristo a sangrar pelos pecadores.

Certo dia, chega-lhe notícia de que as autoridades iam analisar esse sangue, e era vê-la, pressurosa, a lavar e esfregar o crucifixo, para fazer desaparecer todos os vestígios do sangue.

O perfume do céu — Muito tem dado que falar a onda de perfume que, tantas vezes, se evolava das coisas e pessoas, até — ó céus! —, na pocilga. Nomeadamente exibem uns terços, que compram a 10 ou 12 escudos, e vendem até por 60\$00, porque são celestialmente perfumados... com vulgar perfume de cravos. O dito fotógrafo surpreendeu, um dia, a colaboradora Carmelinda a fazer essa operação.

Entre tudo o que isto implica de fraudulento, estamos em face de grave especulação, para a qual chamamos a atenção das entidades competentes.

A sobreira milagrosa — A **mística** apregou como grande milagre o ter escapado ao arranque geral de árvores, no local **sagrado**, uma sobreira muito de sua devoção. «O tractor não conseguiu arrancá-la» — proclamava.

Mas, na tarde desse dia, o tractorista fazia alegre petiscada, com os amigos, declaradamente aquecido pelos 500\$00, que recebera da **mística**, para poupar a sobreira.

Milagrosa afluência de devotos — Pretende a **mística** demonstrar a autenticidade dos seus milagres, com o número de pessoas que acorrem ali. Como se o grande número de mentirosos ou iludidos pudesse tornar verdadeiro e honesto o que é falso e desonesto!

Para assegurar essa afluência, tem a **mística** uma rede de engajadores, em vários locais do País, com esta ordem de serviço: — trazer ao menos uma camioneta. Se não conseguir fregueses que a paguem inteiramente, o santuário paga o restante.

Assim: há um sr. Manuel Ferreira, de Rio Maior, que é sempre certo, com a sua camioneta de peregrinos; de Figueiró dos Vinhos, uma sr. Natália, que até lá repete as palhaçadas da Ladeira, de mistura com espiritismo; em Almeirim, outra engajadora, também espírita; em Vale do Arco — Ponte de Sor — outra imitadora dos milagres da Ladeira, que já de lá levaram uma devota para o Hospital Júlio de Matos.

Vale a pena notar esta geral colaboração do espiritismo, que se casa muitíssimo bem com o que se sabe dos antecedentes dos principais responsáveis de cá. E até me diz muito de interessante relacionado com uma carta que, de um senhor de Lisboa, que não conheço, recebi há cerca de um ano. Dizia o tal senhor, entre outras coisas: — «Há ali verdadeiro espiritismo. Sei-o, porque me dedico a isso também. Simplesmente que é muito mal usado».

Exemplar preocupação pelos pobres — Há cerca de dois meses, chegou ali uma jovem americana, integrada gratuitamente numa peregrinação espanhola, que mostrou ter razoável cultura re-

† FALECIMENTOS

Na sua residência em Ansião, faleceu no dia 11 de Dezembro o sr. José Adelino de Figueiredo Medeiros, viúvo, de 83 anos de idade.

A notícia do seu falecimento causou grande emoção naquela vila onde o extinto era particularmente estimado pela delicadeza de trato e integridade de carácter.

Natural de Avelar, foi muito novo para Ansião, onde se estabeleceu, e em 1924 fundou o jornal «A Resistência», órgão do partido republicano local, do qual foi editor, redactor e director, tomando ainda parte em movimentos políticos de antes e depois da implantação da República, marcando uma posição como republicano intransigente que era.

Pessoa de iniciativa, fundou em 1928, como mais alguns amigos, o primeiro colégio que surgiu na vila de Ansião e que prestou relevantes serviços no seu tempo.

Era pai extremoso do sr. Dr. José Emídio de Figueiredo Medeiros, advogado, casado com Dr.ª Maria Alice Abreu Figueiredo Medeiros, farmacêutica, da sr.ª D. Silvina Medeiros Rocha e Cunha, casada com o Juiz Auxiliador da Relação do Porto, sr. Dr. Joaquim Pinto da Rocha e Cunha, da sr.ª D. Maria Palmira Medeiros Nascimento Fernandes, casada com o sr. Júlio Edgar Nascimento

Fernandes, tesoureiro da alfândega da Beira, e do sr. Armando de Figueiredo Medeiros, funcionário da Zuid, casado com D. Maria Amélia Lima de Medeiros, avô da sr.ª D. Aida Maria Lima Medeiros, professora do Liceu Nacional de Leiria, e dos meninos Maria José, Maria Lúcia, Maria Margarida, José Miguel e José Augusto Abreu de Medeiros, e da sr.ª D. Maria Clotilde e José Silvério Rocha e Cunha, estudantes universitários.

O seu funeral realizado para Avelar no dia imediato, teve a presença dos Bombeiros Voluntários de Ansião, que levaram o féretro, e de centenas de amigos de Ansião, Avelar e de muitas outras localidades do país, numa sentida manifestação de pesar. Estiveram presentes, também, Sua Excelência o Sr. Procurador Geral da República, Dr. António Furtado dos Santos, o sr. Dr. Victor Faveiro, ilustre Director Geral das Contribuições e Impostos, o sr. Dr. Juiz Conselheiro Alves Pinto, Dr. Augusto Simões da Silva, comerciantes, industriais, e uma multidão anónima que quis prestar uma homenagem derradeira ao homem simples e afável que desaparecia do convívio dos amigos.

«Voz das Cinco Vilas» apresenta a toda a família os seus sentidos pêsames.

ligiosa, suficiente para confundir a eloquência da **mística**. Tanto bastou para se ver posta à margem. Por distração sua, a camioneta partiu sem ela, que ficou em difícil situação, pois não tinha o dinheiro suficiente para regressar à Espanha, donde viera. Recolhida pelo sr. José Augusto Ferreira, vizinho da Ladeira, cuidou este de lhe conseguir com que pagar a viagem, recorrendo aos devotos e à própria **mística**. Que não e não! — foi a resposta.

Entretanto, uma das devotas presentes, espanholas, abriu a carteira e entregou à necessitada, que estava presente, uma nota de mil escudos. Como se lhe tivesse mordido uma vespa, a **mística** arranca para a americana e tira-lhe da mão a nota de mil escudos.

Foi preciso que outra pessoa presente intervisse, por sua vez, e a arrancasse das **santas** mãos, entregando-a a quem pertencia.

Este episódio merece ser registado, como sinal da qualidade das preocupações da **mística** com os pobrezinhos, para cuja assistência tanto deseja fundar uma obra.

Mas a bondade da **mística** não fica por aqui. Pouco depois, a jovem americana era presa, sob não sei que acusação, que logo se verificou ser falsa.

— E mais não digo, por agora.

A contas com a polícia — No passado dia 20 do mês de Outubro estiveram em Torres Novas agentes da Polícia Judiciária, continuando o trabalho de investigação iniciado, há vários meses, relacionado com as actividades da Ladeira do Pinheiro, tendo levado, para interrogatório, a **vidente**, Maria da Conceição Mendes Horta.

Numa busca ao local, apreenderam vários objectos respeitantes às misteriosas actividades da **mística**. Apreenderam nomeadamente grande quantidade de hóstias, alguns milhares, pequenas e grandes, que ela **daclara terem vindo do céu**; bem como dois frascos, que diz conterem Santos Óleos, e duas estolas eclesísticas, objectos de que a **mística** se servia abusivamente simulando actos reservados ao sacerdote, como Unção aos doentes. Destes simulacros sacrílegos existem fotografias eloquentemente elucidativas.

Podemos informar que a Polícia Judiciária está de posse de todos os truques, de que a **mística** se tem servido para iludir a credence dos devotos.

Está em vias de conclusão o processo respectivo, que oportunamente será enviado a Tribunal com a autora dos factos, sobre os quais tem a última palavra o Meritíssimo Juiz.

Entretanto, a mistificação continua — Na tarde de Domingo, dia 24, a **mística** Maria Mendes regressou à Ladeira, depois de haver estado no Patriarcado, em Lisboa, onde se estuda a aprovação dos milagres (?). Entretanto, mantem-se à margem das habituais funções, **porque está em retiro espiritual** — diz-se, à sua volta.

É mais uma mistificação. Pois não é ela a **mística**?...

Isto de confundir a sede da Polícia Judiciária com o Patriarcado, é um verdadeiro milagre de misticismo, da marca da Ladeira do Pinheiro. — P. V.

(De «O Almonda»)

TRENOS E EXORTAÇÃO

A PROPÓSITO DUM «PASQUIM» INFELIZ SOBRE FÁTIMA

Não, não são de Jeremias
Trenos são, mas «ricardinos»
por um peregrino de Fátima,
oferecidos aos peregrinos.

João Ilharco! João Ilharco!
Da ignomínia, estás no charco!

Quiseste armar ao escândalo
Para dinheiro arranjar,
não hesitando, para tanto,
em a verdade ultrajar.

João Ilharco! João Ilharco!
Da ignomínia, estás no charco!

Sorriu-te também a glória
de Fátima desacreditar
trocaste por lenda a história
na mira de tal alcançar.

João Ilharco! João Ilharco!
Da ignomínia, estás no charco!

Triunfou logo à nascença
do ataque furibundo
da república demagógica
impôs-se à Igreja, ao mundo
até à Roma papal...
e um Ilharco banal,
pobre de cultura e lógica,
propor-se destruir Fátima
alta glória de Portugal
será de esperto, ou boçal?

João Ilharco! João Ilharco!
Da ignomínia, estás no charco!

Tarefa que excedia
Toda a força dos titãs
quiseste levá-la a efeito
com o teu coaxar de rãs.

João Ilharco! João Ilharco!
Da ignomínia, estás no charco!

Ninguém temeu teus ataques
teu silêncio quis comprar
embora por 800 contos
prometesses tudo calar.

João Ilharco! João Ilharco!
Da ignomínia, estás no charco!

Vieste para a praça pública
com lendas e fantasias
e não mediste, coitado!
aquilo em que te metias.

João Ilharco! João Ilharco!
Da ignomínia, estás no charco!

Surgiu-te pela frente o Urbano
Doutor levado da breca
que te deixou sem concerto
pondo-te ao sol a careca.

João Ilharco! João Ilharco!
Da ignomínia, estás no charco!

E à beira-mar, na Figueira
aparece-te outro «diabo»
na pessoa de Jorge Babo
que do teu pasquim, no lixo
deu pancada de criar bicho!

João Ilharco! João Ilharco!
Da ignomínia, estás no charco!

Até o «Amigo do Povo»
se armou de marmeleiro
e te deu umas tosas mestras
«A Sombra do Castanheiro».

João Ilharco! João Ilharco!
Da ignomínia, estás no charco!

De tudo o que dito fica
o que se conclui, se abarca
é que lhe naufragou a barca
e o pobre do Ilharco
da ignomínia, ficou no charco!

— ● —

E nós peregrinos de Fátima
com redobrado fervor
manifestemos à Virgem Santa
o nosso filial amor!

Cantemos, cantemos todos
em transportes de alegria:
Hosana! Virgem de Fátima!
Avé! Avé! Avé Maria!

R.

António Marques Boavida

Fabricante de Bombas «AGER»
IMPORTADOR DE MOTORES

Telefone 161 (Avelar)

Avelar — ALMOFALA DE BAIXO

Seja prático, compre Grupos electro-bombas Auto-aspirantes, «AGER» o grupo que resolve os seus problemas, podendo trabalhar suspenso por um guincho que o poderá subir e descer conforme o nível da água

CONSULTE O AGENTE NESTA ÁREA...

AGER
PORTUGAL



VAI A COIMBRA? VISITE

Ourivesaria **FERREIRA**
de

Humberto Marques Ferreira

OURO - JÓIAS - PRATAS - RELÓGIOS

Rua da Sofia, 147 Telef. 28891 COIMBRA

AO SEU SERVIÇO

«**IMPÉRIO**»

A SUA SEGURADORA

Escritórios em Tojeira — Avelar
Telef. 32327

AGENTE:

ANTÓNIO FREIRE DE OLIVEIRA

Telef. 55117

VILA DO ESPINHAL

José Veríssimo



GAZ

Representações de Bicicletas, Motos,
Pneus e Câmaras de ar de todas as
marcas

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Materiais Eléctricos e
Instalações Eléctricas

FOGÕES A GAZ E ELÉCTRICOS
Telef. 1011 — CHÃO DE COUCE

**Cerâmica de Figueiró dos Vinhos,
Limitada**

TELEFONE 162 (Rede) Avelar

ALMOFALA DE BAIXO

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Telha marselha — Acessórios — Telha regional

Tijolos furados de todos os tipos

Tijolos prensados e maciços

LOSAMAR

Lopes, Santos & Marques, L.da



Azeite Fonte de Saúde — Armazém de Azeites
Serração de Madeiras — Materiais de Construção
Construções — Terrenos

AGENTES DA BP (Produtos para Agricultura)

Sulfatos — Adubos Compostos — Herbícidias

Insectícidias e fungicidas

PONTÃO — AVELAR

TELEF. 86

POMARES

na nossa região

A agricultura na nossa região está a enveredar pela exploração de pomares.

Parece essa, por agora, a modalidade mais rendosa.

Assim é que na Quinta de Cima (Chão de Couce) há 3 anos foi plantado um pomar de 3.000 macieiras, que está em plena e compensadora produção, e que agora se estão a plantar, também ali, cerca de 5.000 pessegueiros, pereiras, etc.

Na Quinta da Rosa, na Quinta da Ribeira e noutras propriedades mais modestas, está a proceder-se a idênticas plantações.

De Figueiró do Vinhos Escola Preparatória

Os alunos que frequentam esta Escola Preparatória têm já ao seu dispor as duas carrinhas.

Trata-se, sem dúvida, de um benefício de incontestável alcance que, pelo seu arrojo, chegou a impressionar pessoas menos crentes. É o maior empreendimento, no campo da autêntica democratização do ensino, nesta região-centro do País.

As duas modernas carrinhas, de reputada marca, já se encontram totalmente pagas e importaram em 500 contos, verba esta conseguida graças ao entusiasmo, dinamismo, união e espírito de sacrifício do corpo docente da Escola, no ano lectivo de 1970/71.

A «Campanha» para a angariação de fundos, para a compra das carrinhas, rendeu 150 contos. O Instituto de Acção Social Escolar — I. A. S. E. — contribuiu com a elevada verba de 250 contos. Finalmente, a benemérita Fundação Calouste Gulbenkian concedeu o subsídio de 100 contos.

Fruto do entusiasmo e amor dum grupo de professores pelo ensino e pela sua difusão por todas as camadas sociais, sem qualquer distinção, podemos considerar este melhoramento um autêntico êxito.

*

Ainda no caminho dum viva actualização a Escola Preparatória Neu-el de Abreu adquiriu uma máquina de projecção sonora, um órgão electrónico e um amplificador de som.

Os nossos parabéns.

POUSAFLORES

— SEUS ANSEIOS DE PROGRESSO

(Continuado da 1.ª pág.)

trada S. João de Brito, Pessegueiro e alargamento em Pousaflores da estrada, o que não seria possível se não fosse o alto espírito de compreensão (de que estamos gratos) do sr. Padre Manuel que, para isso, cedeu gratuitamente uma porção de terreno. Tudo isto, além de outros de menor vulto que a Junta tem procurado criteriosamente distribuir pela freguesia. Além disso...

— ...Mais alguma coisa?

— Sim, sim! Já esquecia: também a capela do novo cemitério de Pousaflores (Adegas). Falta concluí-lo, mas esperamos fazê-lo logo que as finanças o permitam.

— Tem sentido sempre a compreensão e o apoio da população da freguesia?

— Sim, francamente, tenho sentido a compreensão e apoio da população. Veja: não são poucas as obras em que o povo ajuda. Se permite, aqui quero deixar à população da freguesia o meu reconhecimento e um sincero obrigado. Isto em meu nome pessoal e da Junta que humildemente represento.

Boas Festas

Tiveram a gentileza de nos mandar os seus cumprimentos de Boas Festas os seguintes amigos:

Manuel Quintas e D. Maria da Assunção Ventura, do Bairro da Tabaqueira (Albarraque), Maria Preciosa Medeiros e Família, de Santos (Brasil), Manuel da Silva (Venezuela), Henrique Rodrigues Serra e Esposa, de Lourenço Marques, Adriano Marques, de L. Marques, dr. José Ferreira — da Rádio Vaticano — Roma, Alberto Simões — L. Marques, Manoel Ventura — Santos (Brasil) António Rocha — Kitwe — Zâmbia, Manuel Rodrigues da Silva e Esposa — Luanda, João Augusto Martins de Oliveira — Negage; António da Silva (Brazaville), António Rodrigues Serralha — Lourenço Marques; Dr. Alberto Lopes Dionísio — Lisboa.

A todos agradecemos e retribuimos desejando o ano de 1972, repleto de felicidades.

SALÃO PAROQUIAL

Vamos todos colaborar,
Com AMOR e UNIÃO;
Vamos todos ajudar
a construir o SALÃO!

Não é só do senhor Padre
Como se usa a falar...
Isto é de todos nós
Vamos todos colaborar!

Ajudemos de verdade
Com muita FÉ e ALEGRIA
É uma obra de valor
Cá na nossa Freguesia.

O sr. Padre pôs-se ao trabalho
Mas é só p'ra nosso bem.
Só o sabe avaliar
Apenas quem já é mãe.

Isto é para avaliar
A sua preocupação
Para quem lá trás os filhos
Desde a primeira lição.

Uma Mulher do Povo

— Acha que a freguesia de Pousaflores, no aspecto de progresso, tem caminhado ao ritmo da evolução geral da nossa região?

— Desculpe! O Senhor é bom atirador! Sendo a freguesia essencialmente agrícola, com situação geográfica bastante acidentada, não posso dizer, apesar de tudo, que não esteja enquadrada e vá sentindo os efeitos do progresso regional.

— De momento, quais os principais empreendimentos a levar a efeito na sua freguesia?

— Empreendimentos... Quem não pensa neles? De momento, procuramos concluir as sobras que estão à espera.

— O nosso jornal tem uma importante missão a realizar junto dos emigrantes. Tem para eles uma palavra a dizer-lhes?

— Sim! Os nossos emigrantes sentem e vivem os problemas das suas famílias, amigos e das suas terras.

Para todos um grande abraço e, uma vez que ainda estamos na quadra Natalícia, o desejo de Boas-Festas e Feliz Ano Novo, em meu nome e da Junta de Freguesia.

E pronto! Estava concluído o nosso encontro. Restou-nos apenas uma palavra de agradecimento pela atenção dispensada.

Nova invasão de «Franceses»...

PESSEGUEIRO, 5 — Reza a história dum invasão dos franceses, de que ainda há memória na tradição popular e oral. Pois agora, pelo Natal, verificou-se nova invasão, mas desta vez de «franceses» lusitanos, vindos de além-Pirinéus, com as carteiras recheadas, e que vieram a matar, mas só a matar saudades, no convívio e agasalho dos seus lares, onde com eles entrou mais alegria e abastança.

Fiéis a Deus, é com agrado que os vemos a tomar parte nas cerimónias religiosas, e a eles, em grande parte, se deve a boa venda das fogaças oferecidas ao Menino Jesus. Daqui os saudamos, desejando-lhes Boas-Festas e a melhor saúde, para, retemperados de forças, voltarem a fazer farta colheita de francos. — C.

N. da R. — Não foi só no Pessegueiro. Por toda a nossa região se sentiu a «invasão dos franceses».

Benvindos sejam!

Secção de Finanças

Segundo edital que recebemos da Tesouraria da Fazenda Pública de Ansião durante todos os dias úteis deste mês de Janeiro encontram-se à cobrança as seguintes contribuições e impostos:

— C. Industrial — Grupo B — (liquidação provisória) de 1971,
— C. predial de 1971,
— imposto sobre sucessões e doações (anuidades) de 1972.

CHÃO DE COUCE

Inauguração do Centro Paroquial

Após vários adiamentos foi definitivamente marcado para o domingo, dia 30 a inauguração do Centro Paroquial.

Será uma festa simples, muito íntima, em que agradeceremos a Deus a realização de tamanho benefício para a nossa freguesia e manifestaremos por tal motivo o nosso contentamento.

O programa é o seguinte:

16 horas — Missa de acção de graças na igreja;

17 horas — Bênção das instalações e sessão de teatro com a colaboração de crianças da paróquia e de alguns alunos da Escola Preparatória e Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos.

DONATIVOS DE 10 E DE 6 CONTOS, ALÉM DE OUTROS...

As obras estão terminadas. Todos são unânimes em salientar o bom acabamento e o magnífico aspecto que o edifício apresenta:

Simplesmente a obra foi muito além do que inicialmente julgávamos gastar. Ainda não estão totalmente pagas as contas, mas tudo irá custar cerca de 350 mil escudos. É muito mas se considerarmos que se trata de mais de 420 metros quadrados de construção (rés do chão e 1.º andar) aceitaremos que houve boa administração dos trabalhos. E para isso, é justo dizê-lo, muito contribuiu a colaboração dedicadíssima do sr. Abílio Marques Afonso a quem nos confessamos gratos.

★

Quando a donativos dia a dia, de perto e de longe, vêm chegando como resposta amiga dos nossos conterrâneos ao apelo que lhes fizemos.

Como prenda do Menino Jesus vem, em primeiro lugar, neste mês, a importância de 10 000\$00 do sr. Américo Fernandes, do Pontão, residente em Lourenço Marques, onde é destacado industrial de mecânica automóvel.

Segue depois o sr. Alberto Fautino, natural de Quinta de Baixo, residente em Évora, onde é prestigioso industrial de camionagem, o qual, além doutras ajudas anteriores (o nosso campo de futebol é-lhe devido em parte) e entregou-nos 6.000\$00.

Na procissão enfileiram depois o sr. José Mendes (natural do Casal de Baixo e residente na Rodésia), juntamente com seus filhos José Eduardo e Aníbal, com 2.217\$00.

De fora meteram-se ainda na procissão: Anónimo, 500\$00; Artur José, da Ramalha, estabelecido em Angola, 500\$00; Maria Augusta da Conceição, Queluz, 100\$00; António Simões de Sousa, Figueiró dos Vinhos, 1.000\$00; Alfredo Godinho, França, 123\$00; Dr. João Maria da Costa Quintela, Lisboa, 500\$00; Manuel da Silva Venezuela, 250\$00; Fernando Simões Vaz, África do Sul, 400\$00; Manuel dos Santos, Parede, 500\$00; Alberto Marques, Venezuela, 500\$00; Mário Santo, Coimbra, 100\$00; António Freire de Oliveira, Espinhal, 250\$00; Anónimo, 250\$00; Américo Lopes Ferreira, Santos, 1.000\$00; Francisco Freire Neno, Porto Salvo, 500\$00; José Maria Marques da Silva, Alemanha, 200\$00; Ana da Conceição Santos, Lisboa, 100\$00; Fernando Mendes Rosa, Porto, 200\$00.

Dos residentes na paróquia registamos: Armazéns do Pontão, mais uma carrada de areia; Alberto Gonçalves, Furadouro, 2 janelas, 1.250\$00; Abílio Marques Afonso, Chão de Couce, porta principal, 1.670\$00; Anónimo, 500\$00; Manuel Mendes Rosa, Relvas, 500\$00; Albino Marques Ferreira, Lomba, 500\$00; Manuel Marques Ferreira, Tojeira, 200\$00; José Freitas Rosa, Pontão, 200\$00, Artur Coimbra (filho)-Portelanos, 200\$00. Mas outras ofertas várias, 3.089\$00.

Do número anterior 228 617\$00
Recebido no último mês 33 299\$00

Total recebido 261 916\$00

A todos os benfeitores o nosso profundo reconhecimento. E ficamos a aguardar a presença de outros amigos.

NOVOS CRISTÃOS

Tornaram-se cristãos pelo sacramento do Baptismo:

Carlos Manuel Lopes Lameira, filho de Adelino Barreto Lameira e de Maria Silvina Lopes, do Casal Soeiro. Padrinhos: José Lopes e Maria Rosa.

— Luís Mário, filho de Abílio da Silva e de Albertina Mendes da Silva, de Mata de São Jorge. Padrinhos: Luís Mário Marques Vaz e Maria Preciosa Gaspar Castela.

Desejamos-lhes as maiores bênçãos de Deus.

NOVOS LARES

Constituíram o seu lar cristãos pelo sacramento do Matrimónio:

Fernando Francisco Marques, filho de Aldemar Rodrigues e de Libânia da Piedade, do Furadouro, e Palmira de Jesus, filha de Manuel José e Ermelinda de Jesus, de Ramalha. Padrinhos: António Francisco Marques e José Simões.

— Marcolino Rosa dos Santos, filho de Manuel Mendes dos Santos, e de Maria Rosa da Conceição, de Cabeças (Maças de D. Maria) e Maria Donzília da Silva Ribeiro, filha de Antó-

nio dos Santos Ribeiro e de Maria do Carmo da Silva, de Lagoa da Ameixeira. Padrinhos: Manuel dos Santos e António Maria Caseiro.

— Carlos Alberto Ferreira, filho de Armando Ferreira e de Maria Augusta Marques, de Relvas, e Rosinda Simões Lopes, filha de António Lopes e de Maria Alzira da Conceição, de Terras Grandes. Padrinhos: João Ferreira e Alberto Simões.

— Este casamento celebrou-se na capela de São Jorge da Pedra do Ouro. Com as nossas felicitações auguramos-lhes as maiores bênçãos de Deus.

NAS MÃOS DE DEUS

Faleceram na nossa freguesia:

Francisco Jorge, de 68 anos, solteiro, do lugar da Ameira;

— João Rodrigues, de 78 anos, casado com Piedade Rodrigues, de Serrada da Mata;

— Olinda Ventura, solteira, de 78 anos, de Ameira.

— Maria Rosa Nunes, de 80 anos, de Ameixeira, viúva de Albino Nunes;

— Manuel Pedro Norte, de 81 anos, de Lameiras, casado com Ana de Jesus.

A famílias enlutadas apresentamos sentidos pésames.

CONFERÊNCIA DE S. VICENTE DE PAULO

Discretamente continua este organismo paroquial a sua missão de caridade.

Segundo se verificou na última reunião de 1971 durante os últimos 3 anos anda por cerca de 15 000\$00 as ajudas feitas a famílias necessitadas. E o valor espiritual das visitas esse não tem conta.

Para continuarmos na elevada missão que nos impomos necessitamos que os nossos amigos de perto e de longe não esqueçam esta obra da paróquia.

Últimamente lembraram-se dos pobres da Conferência os srs. António da Silva (Brazaville), Herdeiros de Armando S. de Sousa Ribeiro e dois anónimos.

ESTRADA DO ALQUEIDÃO

De tempos a tempos vem-nos grito: «fale da estrada do Alqueidão!»

Pois é necessário falar! Cremos ser dos lugares mais abandonados do concelho, no que diz respeito a estrada.

É uma dificuldade chegar lá! Senhores da Câmara, atendam a este problema, ponham lá na agenda! Como as coisas estão é que não está bem...

PASSAGEM DO ANO

Foi uma iniciativa simpática a de um grupo de estudantes da terra organizar um convívio de famílias na passagem do ano.

Mais de 60 casais lá estiveram, no clube com seus filhos, em animada e sã confraternização. Houve «comes e bebes», animação e alegria. Tudo num clima muito familiar. Gostámos. Os nossos parabéns.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Vindos do Brasil encontram-se entre nós os srs. Alfredo Dias dos Santos (Ameira), Américo Lopes Ferreira (Pedra do Ouro) Alberto Gaspar (Mata de S. Jorge). Vindo de Nampula também se encontra junto de seus pais o sr. Arlindo Joaquim.

Para o Brasil saiu o sr. António Mendes Padeiro (da Barroca), para Angola o sr. Adelino Gomes da Silva (Ameira) e para a Rodésia, para junto de seu filho Fernando o sr. Francisco Simões (Bernardo) e esposa Adelaide Teixeira (Montinhos). Para o Brasil regressaram os srs. Alfredo Gonçalves e Esposa, da Vila Pouca.

ENSINEMOS OS IGNORANTES

(Continuado da pág. 8)

agravando, até que se resolve finalmente levar o menino ao médico, tantas vezes quando a situação se tornou de veras grave senão irrecuperável!

Muitos de vós ao lerem estas desalinhavadas letras, dirão: então na era das conquistas espaciais, dos aviões supersónicos, ainda existe quem acredite em bruxas e bruxarias, em mezinhas e mulheres de virtude?

Pois é verdade, que cada dia, aumenta o número daqueles que recorrem a esses meios de cura, quando a doença ou a desgraça lhes bate à porta. Já era tempo de acabarmos com tanta prova de atrazo.

Supõe-se que, hoje e sempre, cada um de nós, os que mais de perto tivermos de viver com esses ignorantes, os ajudemos a acabar para sempre com as histórias de bruxas, de mulheres de virtude, com curandeirismos, que tantos e tanto males têm causado através dos tempos, sobretudo nas nossas aldeias, não só prejudicando a saúde, como até a paz de algumas famílias.

Na era bendita, em que o homem mais se aproxima de Deus, penetrando o espaço, fazendo descobertas deslumbrantes, nos vários campos, que nos deixam atónitos e quase confusos, não permitamos que, dentro da esfera da nossa influência, ainda haja almas simples capazes de se deixarem arrastar por bruxarias e superstições. Defendamos as pobres crianças nascidas nas nossas aldeias.

Esclareçamos com energia convincente, os bem intencionados! Se necessário for, para levar por diante uma luta eficaz, recorramos às próprias autoridades, pois só assim de mãos dadas, será possível eliminar esse cancro que, ainda hoje, tenta perturbar a paz bucólica de alguns lares, onde a par de muito boas pessoas, existe muita, muita ignorância!

Vale a pena insistir, lutar, educar, porque de uma tarefa educativa se trata afinal, procurando fazer luz onde reinarem trevas! «Vale sempre a pena, quando a alma não é pequena», como dizia o nosso grande Fernando Pessoa.

« Não pode haver paz sem uma justiça nova »

(Continuado da pág. 8)

preendemos, vos seguimos, vos amamos.»

Depois, o Soberano Pontífice travou diálogo familiar com o presidente da «vereação», de 18 anos, Fausto Scappima, e os rapazes, inquirindo-lhes como é que funcionava a eleição dos membros do conselho.

Antes, na sua homília da missa de 1 de Janeiro, cujo tema foi: «Se queres a paz, prepara a justiça», o Chefe da Igreja denunciou a «ordem errada».

«Será a escravatura uma ordem autêntica? — perguntou. Será a miséria social uma ordem autêntica? A ignorância propostada do povo para o manter mais facilmente sujeito será uma ordem autêntica? O domínio e a exploração dos fracos pelos fortes, dos pobres pelos ricos, será uma ordem autêntica? O haver quem se encarnice a impor as suas ideias aos outros, sob pena de prejuízos, de repressões, de castigos, será uma ordem autêntica?»

Depois de denunciar a «ordem aparente», que não passa duma série de «desordens toleradas e estabelecidas», Paulo VI evocou uma «justiça de acordo com a natureza do homem». «São os homens todos iguais? Fundamentalmente, sim. Cada homem tem a sua dignidade, uma dignidade inviolável. Quanto mais o homem é pequeno, pobre, sofredor, sem defesa, banido até, quanto mais ele merece ser assistido, aliviado, cuidado, honrado.»

E o Papa apelou para «uma consciência humana, que não pode continuar insensível às desordens congénitas da nossa sociedade que não pode deixar de ver que o próprio progresso produz misérias a que é preciso dar remédio, produz frustrações, desigualdades, injustiças, conflitos, ameaças de catástrofes, conflagrações, poluições... que pedem reacção. Não é normal que seja assim... Não pode haver paz sem uma justiça nova.»

Mário Simões Vaz

Mercearias
Ferragens
Miudezas
Louças
Malas



GAZZIDOLA

Materiais de construção
Adbos
TINTAS «DYRUP»
Rações TRIUNFO

UMA CHAMA VIVA ONDE QUER QUE VIVA

Telefone 155 — Pedra do Ouro — CHÃO DE COUCE

VOZ
das
CINCO VILAS

...uma voz em prol da elevação espiritual e promoção das freguesias de Avelar, Agúda, Chão de Couce, Maças de D. Maria e Pousaflôres

Redacção e Administração
CHÃO DE COUCE

ENSINEMOS OS IGNORANTES

Artigo de TÁISS

Por mais estranho que pareça, infelizmente ainda existem, e sobretudo nos meios rurais, bastante atrasados em alguns aspectos, pessoas que, mercê da sua ignorância, se agarram a bruxas, crendices, superstições, etc., e tomam atitudes que só servem para causar danos a si ou aos que, por pouca sorte, estão sob a sua influência.

Acontece muitas vezes, adoecer uma criança com perturbações até de gravidade, e, logo a vizinha, tida e

havida por pessoa experiente, é consultada e dá a sua opinião: — Foi mau olhado... o menino anda agitado... foi um bicho peçonhento que o passeou de noite... é um coirão e se junta a cauda com a cabeça, então... lá se vai o menino para Deus!... E de seguida, vem a receita, pronta e solícita, na maioria dos casos, sem tão pouco ser perguntada! Queimar um pouco de insenso e mirra à volta do quarto... dar-lhe água de 7 fontes ou pão pedido em 4 portas... rezas e terços de permeio e o pobre doente alheio a toda esta salada russa de bruxaria, vai sofrendo, os seus males vão-se

(Continua na pág. 7)

Galeria infantil

Nesta «galeria» figuram em primeiro lugar os manós Carlos Alberto e Roberto Simões Fernandes,



filhos do nosso conterrâneo e assinante Fernando Simões Santo e de sua esposa D. Maria Helena Fernandes, natural de Cómoros.

Vivem nas «bandas di lá» em «Terras do Brasiu»...

Aqui se apresentam no dia feliz da sua 1.ª comunhão.

*

E estes quem são? O Paulo Jorge e a Paula Cristina, filhinhos do nosso bom amigo Adriano Marques



e de sua esposa D. Julieta, residentes em Lourenço Marques.

Que Deus vos ajude e... parabéns!

Gazetilha

Marília de Fátima Cabral Picão Caldeira, natural de Santo António dos Olivais, de Coimbra, requereu aos serviços competentes, para do seu nome ser retirada a palavra Fátima, e ficar a chamar-se só Marília Cabral Picão Caldeira.

O requerimento foi deferido, e assim foram publicados editais convidando quem tivesse objecções a levantá-las, a fazê-lo no prazo de 30 dias.

Certo Fabiano, achando o caso muito curioso, tomou-o à sua conta, e nele inspirado escreveu:

Dona Marília de Fátima Cabral Picão Caldeira, nada, nada de oposição; tem a minha aprovação, no seu caso, Dona Marília fazia da mesma maneira.

O picão e a caldeira utensílios ambos são que podem prestar bons serviços; conservá-los? pois então?!

Mas Marília de Fátima Cabral... que menina desempoeirada é que hoje consente em tal?!

Quando foi do seu baptismo que fez um grande arranzel ainda tenho de lembrança; (aquilo não lhe soube a mel) mas julguei, julgaram todos: rabujices de criança.

Mas o tempo avança, avança... e com o tempo se fez luz: é que Fátima causava-lhe engulhos; e vai, então, catrapuz!

Não estar com hesitações tomar grandes decisões: suprimir Fátima do nome o que lhe traz grande renome!

Trazer o mundo até nós o Papa cá atrair isso tem lá importância?! só revela ignorância são tudo impostorices quando muito beatices!

Fora, fora pois com Fátima cortar pela raiz o mal ficar só com o Cabral e era sopa no mel no Cabral suprimir o I; isto são preferências minhas pois acho-as tão bonitinhas!

E quanto à naturalidade Quer-se-me parecer na verdade, também estar retoque a pedir porque se lhe não há-de acudir? Santo António... o fradalhão... fique António, só António torne-se o podre são!

E assim esburrumado de todo um triste passado passará a ter um nome que nem lembrava ao demónio: Marília Cabra Picão Caldeira Marília, natural de António.

FABIANO

«NÃO PODE HAVER PAZ SEM UMA JUSTIÇA NOVA»

— sublinhou Paulo VI

ROMA — O Papa Paulo VI começou no dia 1 de Janeiro celebrando missa na «Cidade dos Rapazes», de Roma, e presidiu depois a uma sessão do conselho municipal por eles eleito. Perante 150 rapazes, de 10 a 19 anos, o Papa lançou um apelo à juventude

do Mundo para que o ajude na sua batalha a favor da justiça e da paz.

«Vós que sois modernos, que tendes o sentido nato da justiça — disse-lhes ele —, vós sabeis que sem ela não pode haver paz. Deveis saber, também, que nós, os antigos, os velhos, vós com-

(Continua na pág. 7)

O TESTEMUNHO, FORÇA DE VIDA

O homem é um ser imensamente vulnerável à influência estranha. Cria, é certo, os seus hábitos, mas a maior parte das vezes na sequência de protótipos que aceitou. Inversamente, cada um pode ser também modelo influente para o outro, força comunicativa de palavra e acção. Responsável ou não, o homem influi no outro homem.

Neste sentido todo o que conscientemente olha essa responsabilidade se deve pôr o problema da validade do seu testemunho na construção de um mundo melhor. O cristão não constitui excepção.

Cristo pede que a nossa luz brilhe aos olhos dos homens e a história manifesta-nos que os crentes verdadeiros encaminham para a Fé massas de homens.

O testemunho dos Santos, muitas vezes julgado como «excesso de virtude» e contestado como tal, jamais deixou de ter influência nos seus contemporâneos, até ao ponto de aceitarem que «o mundo seria melhor, se todos fossem assim».

O testemunho dirige-se a todos os homens indiscriminadamente. Para um espectador descrente um acto caritativo, por exemplo, não tem mais que uma dimensão horizontal. É incapaz de lhe descobrir a dimensão divina, que esse acto supõe para um crente. Mas a acção praticada cria uma reciprocidade, e esta implica uma atitude estranha, pelo menos de juízo.

Testemunho não pode confundir-se com «bom exemplo». Aquele é como a nota de autenticidade colada à doutrina que se segue. Este pode limitar-se a não transgredir essa doutrina.

Nos nossos dias o homem tornou-se menos sensível aos testemunhos e exemplos individuais. Exige o testemunho das comunidades. Tem consciência da necessidade de valorizar os conjuntos, as massas, as instituições. E enquanto se tornou muito experimental ele exige provas para tudo. Raciocina sobre factos e não sobre o direito.

Quando se põe o problema da Fé não podemos aceitar, de forma alguma, essas exigências. Elas encobrem, muitas vezes, o desconhecimento dos caminhos de Deus.

De qualquer forma, mais que um mundo de homens bons ou de homens santos, há necessidade de um mundo bom, de um povo santo. Necessidade de um povo exemplar nas suas estruturas e maneiras de viver. E este «exemplar» não pode significar unicamente integridade de costumes, mas povo que seja testemunho vivo de uma humanidade feliz.

Jamais ficarão invalidados os esforços pessoais para maior santidade e melhoria de vida, mas é urgente que a melhoria dos indivíduos gere uma maior perfeição de estruturas.

Uma grande parte das nossas pequenas comunidades, civis ou de Igreja, estão incapazes de constituir um testemunho válido. Vivem minadas pelo caruncho da incompreensão, da não aceitação homem a homem. Há que ultrapassar a mesquinhez que gera a discórdia e invalida a acção.

O testemunho quer individual quer comunitário tem de alcerar-se no Amor.

Era já o Amor vivido pelos primeiros cristãos, que impressionava os pagãos: «Vede como eles se amam!»

M. M.

DESPORTOS

Confraternização Académica em Ansião

Sporting de Avelar

Encontra-se em disputa o Campeonato Distrital da I Divisão de Leiria.

Participam os seguintes grupos desportivos: Pataiense, Mirnense, Castanheira de Pêra, Sporting de Avelar, Alcobaça, Condestável, Pombal, Biblioteca e Vieirense.

O Sporting de Avelar é, assim, o digno representante da nossa região.

No 1.º encontro a contar para este campeonato, o Sporting de Avelar venceu o Benfica de Castanheira de Pêra por 2-1.

Lusitano de Chão de Couce

O grupo de Chão de Couce deslocou-se recentemente a Ansião onde defrontou uma equipa daquela vila.

O resultado foi de 4-1 favorável aos visitantes.

O PROGRESSO NÃO CONSISTE ESSENCIALMENTE EM «TER MAIS» MAS EM «SER MAIS»

D. António dos Reis Rodrigues